

VERSO E RIMA

Autor: Donzílio Luiz de Oliveira



D/A II ILUSTRADA POR OS DESENTISTAS VALDEMO COSTA VC

Literatura de Cordel

VERSO E RIMA (Donzílio Luiz)

Que a musa da poesia
Auxilie-me lá de cima
Pois importante incumbência
Nesta hora se aproxima
Pra falar em doze páginas
Acerca de verso e rima.

Primeiro falo de verso
Para dizer o que é
Também chamado de linha
Também tratado por pé
Sete notas formam um verso:
MI FÁ SOL LÁ SI DÓ RÉ.

Em outras palavras digo
A quem aprender quiser:
Tudo que vai numa linha
De uma estrofe qualquer
É denominado um verso
Não há vaga pra mister.

Mas outra definição
Para o verso ainda tem,
Da linguagem do cordel
É que esse conceito vem:
Uma estrofe em qualquer gênero
Chama-se verso também.

As sextilhas têm seis versos,
Ou seis linhas, ou seis pés,
Se as oitavas têm oito,
Já as décimas têm dez
Nesse tema os cordelistas
São seguros e fiéis.

Quanto ao número de sílabas
Os poetas têm de cor:
Parcela também chamada
De redondilha menor
Ou setissílabo que é
A redondilha maior.

Com oito sílabas, oitava,
O nome já está mostrando
Com dez sílabas, decassílabo,
Também já está explicando
E essas são as estrofes
Que os poetas vêm usando.

Na linguagem do cordel
Que todos os versos são
Compostos de rimas métricas
E fiéis à oração
Tem severas exigências
Em termos de explicação

Para os critérios da rima
A regra é muito exigente
As palavras pra rimarem
Pedem impreterivelmente
Coincidência de som
Da última tônica pra frente.

Há palavras que enganam
Parecem rimar até,
Mas palavras como estas:
Mulher, papel e café
Cada som é diferente
Por isso rima não é.

Chacal, jaguar e gambá
Engana muito também
Chacal termina com L,
Em jaguar um R tem
Gambá tem acento agudo
Por isso a rima não vem.

Entre os tons do violão
Tem Sol, Ré Maior e Dó
Mas Sol termina com L
Dó com acento no O
Maior com R no fim
Não rimam na mesma mó.

A não ser que o estilo
O leve a essa conduta
Como por exemplo o gênero
Da poesia matuta
Que de propósito o poeta
Usa uma linguagem bruta.

Na língua do *matutismo*
O cordelista é liberto
Para escrever tudo errado
Proíbe-se a escrever certo
E muitas vezes a rima
Dali não passa nem perto.

Rima você com prazer,
Rima café com mulher,
Rima Francisco com Airton
Manoel com Xavier,
Rima até homem com nome
Coronel com chanceler.

Na linguagem do matuto
A escrita é toda errada,
Porém uma coisa é certa
Na escrita amatutada
Uma só linha da escrita
Não sai *desmetrificada*.

Na proposta de escrever
Na linguagem do sertão
Erra escrita, erra pronúncia
Erra a rima, a oração
Com o direito de errar
Erra tudo, a métrica não.

Essa linguagem matuta
Quase não existe mais,
Porém o nosso poeta
Uso dessa língua faz
Lembrando os analfabetos
De meio século atrás.

Hoje tem muitos poetas
Nesse gênero escrevendo
Lembrando os antecessores
A quem estão sucedendo
Querendo manter o gênero
Que acham que está morrendo.

Quem mais escreveu matuto
Lá no sertão nordestino
Foram o grande Zé da Luz,
Um poeta genuíno,
Patativa do Assaré
E, também, Zé Laurentino.

Zé da Luz escreveu versos
Matutos o tempo inteiro
As Frô de Puxinanã
O São João do Balaieiro
É Crime Não Saber Ler
E A Vida do Vaqueiro.

Patativa do Assaré
Poeta do Ceará
Escreveu o que mais dói,
Cante Lá que Eu Canto Cá
O Doutô e o Operário
Vaca Estrela e Boi Fubá.

De Zé Laurentino são:
O Mal se Paga com o Bem,
Eu, a Cama e Bobelina
O Chico Bento e também
Matuto no Ftibó
Que muito humorismo tem.

Poemas nessa linguagem
Donzílio até hoje faz:
A Extinção do Jumento,
O Mal que a Mentira Traz,
Matuto Também é Gente
E Carona Nunca Mais.

Pelo Nordeste até hoje
Tem bastantes trovadores
Muitos deles cordelistas
Os chamados escritores
Outros vivem do repente
Grandes improvisadores.

De todos esses poetas
Cordelistas do Sertão
Tem um que merece ser
Chamado de campeão,
Pois além de precursor
Teve maior produção.

Leandro Gomes de Barros
Poeta dos mais lembrados
O campeão do Cordel
Entre tantos afamados
Deixando mais de mil títulos
De livretos publicados.

Nascido na Paraíba
Na cidade de Pombal
Do Sítio das Melancias
Foi mudando de local
Morou em vários lugares
Do sertão ao litoral.

Primeiro foi a Teixeira
Também no alto sertão
Em Pernambuco habitou
Vitória de Santo Antão
Depois, na Grande Recife
Morou em Jaboatão.

Em Vitória se casou
Com uma pernambucana
Cujo nome de batismo
Era Venustiniana
Com quem teve muitos filhos
Uma grande prole humana.

No Recife foi morar
No bairro dos Afogados
Montando a tipografia
Nos fundos dos seus cercados
Equipamento onde tinha
Seus livretos publicados.

O que produzia à tarde
Entre trabalho e prazer
Durante à noite editava
De manhã ia vender
Numa luta persistente
A fim de sobreviver.

História de João da Cruz
O seu cordel mais famoso,
A Vida de Pedro Cem
E O Boi misterioso
Vêm em segundo e terceiro
Cada qual mais curioso.

As Proezas de João Grilo
História muito engraçada
Princesa da Pedra Fina,
Também, A Mulher Roubada
A Vida do Retirante
Bamam - O Príncipe e a Fada.

Nestes termos meu cordel
Do desfecho se aproxima
Conforme pedi às musas
Que comandam lá de cima
Expliquei o que é verso,
E falei o que é rima

E assim chego ao final
De mais uma poesia
Concluindo a produção
Do jeito que pretendia
Esclarecendo o que são
Verso, rima e companhia.

VERSO E RIMA



ESTE PROJETO É REALIZADO COM RECURSOS DO FUNDO DE APOIO À CULTURA DO DISTRITO FEDERAL

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

REALIZAÇÃO

João
Santana

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa

